

O ENFRENTAMENTO DO TRATAMENTO QUIMIOTERÁPICO NAS PACIENTES COM CÂNCER CERVICAL LOCALMENTE AVANÇADO OU METASTÁTICO NA FCECON.

Orientadora: Msc. Brena Luize Cunha Ferreira⁷

Autores: Samanta Kérima da Silva Fonseca¹; Guilherme Luz Torres Silva²; Maria Luiza Marialva Rodrigues³; Adilton Correa Gentil Filho⁴; Valéria Karine de Azevedo Fonseca⁵; Mariah Jordana Rondon Pereira de Oliveira⁶.

Autor Principal e estudante do Curso de Medicina do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas¹;

Coautor e estudante do Curso de Medicina do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas²;

Coautor e estudante do Curso de Medicina do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade do Estado do Amazonas³;

Coautor e estudante do Curso de Medicina do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amazonas⁴;

Coautor e estudante do Curso de Medicina do Departamento de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Amazonas⁵;

Coautor e estudante do Curso de Biotecnologia da Departamento de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Amazonas⁶.

Orientadora e Médica do Departamento de Gerência em Oncologia Clínica da Fundação Centro de Controle de Oncologia do Amazonas⁷;

O câncer do colo do útero é o primeiro mais incidente na Região Norte (23,97/100 mil) e o município de Manaus tem maior incidência com taxa de 33,24 casos por 100.000 mulheres¹. Destes casos, estima-se que 43% se apresentem em estádios localmente avançados sendo, portanto, candidatas a tratamento sistêmico combinado ou isolado². Em nível local são escassos os estudos sobre o tratamento quimioterápico em pacientes com essa patologia. Pelo exposto, realizou-se este estudo com objetivo de caracterizar o tratamento quimioterápico realizado nas pacientes portadoras de CCU localmente avançado ou metastático atendidas na FCECON. Foram inclusas mulheres ≥ 18 anos; diagnóstico confirmado histologicamente; estadiamento I a IV segundo a classificação FIGO, referenciadas à FCECON. Observou-se que faixa etária economicamente ativa e déficit de escolaridade evidenciaram relação direta com os índices de casos de CCU, indicando que educação e informação podem ser vias de prevenção quando inseridos de forma precoce. O tipo histológico prevalente: carcinoma escamoso, em estadio FIGO II, sendo o estadiamento em sua maioria feito por ressonância magnética. Após a primeira entrevista, as 9 mulheres entrevistadas 3 meses depois estavam no meio ou término do tratamento de quimiorradiação, excedendo o limite considerado adequado para uma efetiva abordagem terapêutica. Pelos relatos, a qualidade de vida e saúde em geral tiveram seus índices levemente diminuídos, com sintomas em decorrência do tratamento aparecendo em grau leve a moderado. Assim, percebemos que o tratamento, mesmo com reações adversas, não desestimula a aderência ao mesmo, pelo contrário, a diminuição dos sintomas da doença, como dor pélvica e sangramento, constitui-se fator

preponderante de estímulo para que as pacientes sintam-se efetivamente abordadas, e sigam toda a programação radioquimioterapia. O tratamento quimioterápico no primeiro momento causa impacto e temor às pacientes. Apesar do diagnóstico/tratamento muitas pacientes pouco se afetam totalmente no que diz respeito à aparência e autoestima, ainda que seja notada insegurança em relação a atividade sexual. Sobretudo, a ideia prevalente nas pacientes é de que independente das consequências estéticas, o principal objetivo é restabelecer a saúde. Externamente, a dificuldade financeira é questão impeditiva mais citada durante o tratamento, porém a ajuda familiar se torna importante sendo determinante para o enfrentamento da doença/tratamento pela paciente.

Descritores: câncer do colo uterino; quimioterapia; neoplasias; metástases.

Referencias:

- 1- INCA, Instituto Nacional do Câncer (Brasil), Estimativa 2016: incidência de câncer no Brasil/Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva – Rio de Janeiro, 2015.
- 2- Thuler LC, Mendonça GA. Estadiamento inicial dos casos de câncer de mama e colo do útero em mulheres brasileiras. Rev Bras Ginecol Obstet. 2005